

QUINTA-FEIRA
Lisboa--30 de Setembro - 1926

5 TOSTÕES



sempre **21**
fixe *semanal*
humorista

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINA
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

**NA
CASA
PIA**



«Os officiaes devem reflectir e não se deixar envolver pela insidia dos seus inimigos. Devem fechar os ouvidos ás intrigas e aos boatos, conser. ando-se calados».
(De uma recente nota officiosa).

O Director — Esta agora! Então os surdos-mudos não me requerem para serem todos officiaes, alegando que ninguém tem os ouvidos tão fechados e a boca tão calada como eles?!!



Os ditos da semana



O Governo, que em relação ao sr. Gomes da Costa já tinha mandado «marchá-lo», nomeou-o agora, e justamente, marechal.

Dizem que o general, que levantou Braga, vai responder nos seguintes termos: «Recuso marechal; prefiro marchar.

Anda uma campanha contra o Director Geral das Belas Artes. A sério, diremos que a campanha é tendenciosa. Dentro do nosso espirito de boa disposição — isso achamos bem.

A campanha contra o dr. Augusto Gil tem aspectos muito engraçados. Mesmo de bom humor. Sem piada não se faz nada de util nesta terra. Se amanhã a Direcção Geral das Belas Artes levasse uma volta para o futurismo, muito a gente se havia de rir. Só por isso é pena que a acção honrada, ainda que discreta, daquele serviço publico não tenha ponta por onde se lhe pegue.

Imagine-se amanhã aquele

pobre pintor que está a ferros — a dirigir superiormente o serviço dos museus e da instrução artistica. E' muito possivel que, contra todas as previsões, não dêse nada de geito. Mas um assunto diário, dava com certeza.

Os herois do combate mundial de box, realizado em Philadelphia, ganharam 20 mil contos e 10 mil contos, respectivamente o vencido e o vencedor. Dempsey, esmurrado, ganhou a dobrar.

Esta ideia imprevista entre nós animou muita gente que tem o habito de jogar o sóco fóra dos «rings». Vão multiplicar-se os combatentes fracos. Se o encontro se dêr em plena rua, a policia não deixa de tomar conta do caso. E fique-se sabendo: aquele que aparecer a escorrer sangue no Governo Civil, em vez de pagar a multa, recebe uma pensão a dobrar. E fica à bica para deputado quando vier o futuro Parlamento, com subsidio avantajado, como

passa a ser para a categoria dos mais fracos.

No Parlamento passado, se a moda já existisse e se applicasse ao batuque, era certo: o sr. Domingos dos Santos comia uma sessão de ordenado por cada duas do sr. Antonio Maria da Silva, que está ainda K. O., e estará emquanto o seu *manager* e *specker* Camoesas estiver feito com a actual situação politica.

Final de contas, a vida cara é um papão com o qual o proprio Governo se assustou. O azeite, embora se venda a 11\$00, não vale senão 7\$50. O publico paga caro, mas fica com a suprema consolação de saber que é roubado em 3\$50. Sob o pão, o vinho, a batata, os ovos, a carne, as galinhas, o peixe e o assucar.

Mas os preços officiaes — a cotação official — é mais barata do que ha 3 anos.

E isto é o que vale. E' o que marca. E' o que tem significação.

A vida parece mais cara, mas de facto, vendo bem as as coisas, e consultando o

Diario do Governo, não está mais cara.

Os preços é que subiram. Mas é uma subida ficticia, exagerada, uma subida arriscada para o comerciante, que assim se expõe aos rigores da lei.

Nisto, como em tudo, é preciso um pouco de paciencia e não ferver em pouco agua. A vida cara é uma invenção da Federação das Cooperativas.

Vai ser elevado o preço dos fosforos. Passam a custar \$35. Achamos bem. O fosforo é hoje um produto caro; cada vez ha menos. Quem o quizer tem de o pagar.

Fazemos a justiça ao Governo de supórmos que o aumento deu-se porque não podia deixar de se dar. As entidades que estudaram o assunto não tem tão pouca falta de fosforo que tivessem aumentado sem terem razões para isso.

Diminuir o preço do fosforo — é desacreditá-lo. Vamos entrar assim, a pouco e pouco, no regime da isca.

O SEMPRE FIXE na Figueira



Dr. Valadares, Dr. Gaspar de Lemos, Dr. Sacadura Cabral, Dr. Reis Pinto, Luiz Meireles, Conselheiro Serrão Faria, D. Manuel Puebla, Dr. João Pinto dos Santos, Dr. Rainha

Meu caro «Sempre fizem:

Você talvez não acredite na história que aproveite para assunto desta carta... Ha historias que são *histórias*... Neste caso, não, pessoas e factos são autenticos... E' que você não conhece o Anastacio... O Anastacio é um daqueles homens com larga experiencia das mulheres e... das coisas. E' do seu tempo e sabe bem o terreno que pisa... Disposto de bens de fortuna, novo começou a erguer altares a Venus... Solteirão, nunca quis, todavia, priscos... de amor. As inúmeras ligações tem-lhe passado, na existencia, rapidas, como nuvens em dias de tempestade... Ultimamente, sentindo-se cansado e com reumatismo, resolveu procurar companhia fixa para o resto da vida. O antigo epicurista e conquistador, desde ha muito que deixou de asselhar cidades fortificadas. Hoje, os seus fogos... de coração só lhe dão para cidades... abertas. Sentindo o pé pesado para pé de aféres, anunciou nos jornais:

CAVALHEIRO

«De meia idade, disposto de fortuna, deseja consorciar-se com menina pobre, orfã de mãe e do pai ou mesmo de varios pais... Exige que seja formosa, não uso o cabelo cortado e que tenha no seu passado determinada *nodoa* para a qual a benzina é imprópria... Carta a X. P. Quem não estiver nas condições exigidas escusa de responder.»

Não sei se o meu caro Fize notou a *nodoa* do anuncio... E' bom notar que o Anastacio tem sessenta anos e que, devido talvez á falta de artilharia de grande alcance, só dispõe de munições para atacar as taís cidades abertas... Foi para o Anastacio um grande surpresa ninguem se dignar



per um "lunatico,, de lunetas

responder-lhe ao anuncio. Éle tirou estas logicas conclusões: Já não ha raparigas de cabelos compridos e todas, por mais *nodas* que tenham, não as levam á barrela de uma confissão... Passados quinze dias é que o correio lhe trouxe uma missiva. Cheio de curiosidade, rasgou o envelope e leu:

«Ex.^{mo} Sr.—Vivo na provincia e só com atrazo li o anuncio de V. Ex.^a. Não sei, portanto, se chego a tempo... Creio-me nas condições exigidas. Tenho dezoto anos e, segundo dizem e o meu espelho confirma, sou formosa... Uso o cabelo comprido... E, ácerca da *nodoa* no meu passado, confio no cavalheirismo de V. Ex.^a, queimando esta carta, caso a sinataria não lhe convenha... Isto foi ha três anos... Tinha eu quinze quando, pelo Carnaval, um primo que me fazia a côrto abusou da minha ingenuidade... Creia V. Ex.^a que só depois de muitas supplicas acedi ao que elo pretendia... Pode V. Ex.^a estar certo que isto, com o passar dos anos, está quasi na mesma; nada se conhece... E a prova da mi-

nha imprudencia jaz no fundo de um rio... O infame do meu primo foi para o Brasil. De V. Ex.^a, at.^a, ven.^a e obg.^a, Virginia Candida.»

O Anastacio ficou perplexo... Depois pensou: «Bonita brincadeira do Carnaval, a do primo!... O *estar quasi na mesma* é que não *engulo!* Depois temos sem duvida um infanticidio... E o patife do primo no Brasil, quando devia estar na Africa! Que candura e virgindade, a da menina Virginia Candida!...»

Apesar de um crime envolver a *nodoa* da Virginia, o Anastacio começou a pensar muito na pequena... Um caso de amor morbido—dirão... E o Anastacio cada vez a interessar-se mais pela Virginia... Respondeu-lhe, cartearam-se e um mês depois dava-lhe a mão de esposo...

Não desreveremos a noite de nupcias... Isso não nos interessa... Passaremos á manhã seguinte á do noivado. Sentada no leito, apenas em camisa de noite, a pobre Virginia chora copiosamente... De pé, o Anastacio, em pijama, furioso, deambula pelo quarto... De repente, *estaca* e, convulso, exclama:

—Mas onde está a *nodoa* do seu passado!?!... Não a encontrei com a facilidade com que esperava... Antes pelo contrario! Agora compreendo o *estar quasi na mesma!*... Isto foi uma burla ao meu dinheiro! Um embuste! Uma traição!...

A pequena redobrou no choro convulso... O Anastacio, cada vez mais exasperado, redarguiu:

—Quero explicações!... Isto é impingir gato por lebre! Venha a confissão completa de toda essa historia da *nodoa*, que eu esperava ser de grande extensão!...

A Virginia, tomando alento, enxugou as lagrimas e começou:

—Quere que confesse! Não o enganei!... E por muito que me custe, vou contar-lhe tudo, tudo... O meu primo, pelo Carnaval, para ir a um baile de mascarar, em *travesti* do mulher, pediu-me os meus vestidos e, em nome de um amor que dizia consagrar-me, exigiu de mim que cortasse a minha comprida trança, para melhor se disfarçar... Custou-me muito, mas finalmente cedi... No baile, arranjou outra namorada, e á saída atirou com a minha linda trança ao rio... Ele partiu para o Brasil e a minha cabeleira, tornando a crescer, não tem hoje vestigio da minha *falta... de cabelo*. Eis a *nodoa* da minha vida... de provinciana!...

O Anastacio, surpreso com a confissão, nada obtemperou e, falto de forças, pensativo, deixou-se cair numa cadeira... Veio arrancá-lo do torpor um sobrinho que se anunciava... Passando ao escritorio, contou ao parente tudo o que lhe sucedera... O que mais se passou entre eles cobro-o o misterio... Sabemos ós que o providencial sobrinho congraçou as duas partes... E hoje vivem os três na mesma casa e na mais perfeita... harmonia.

O SEMPRE FIXE na Figueira



Conde da Felgueira, Conde de Vinhó e Almedina, Visconde de Montargil, Conde de Pinhel, Conde de Sobral, Conde de Silves

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

UMA anedota antiga e... cruel:
A *Czarina*, de Scribe, caiu na primeira representação, da *Comedie Française*. O publico pateou desenfreadamente. Nos bastidores, o autor lamentava o insucesso, com amargura:
—Pateiam os meus cabelos brancos!
—Isso não é nada, mestre—diz-lhe um artista ao ouvido—mande tingilos...

CONSTA que o popular actor C. L. vai ser nomeado jornalista honorario da imprensa brasileira e condecorado, por um empresario muito conhecido de Lisboa, com a medalha de eterno reconhecimento...

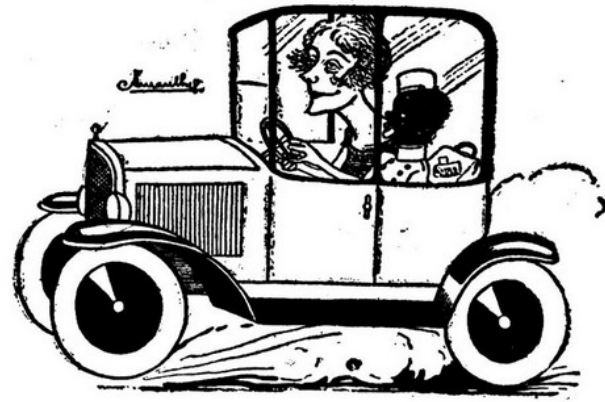
O BENEFICIO que a actriz Z. M. realizou no Brasil foi de todos o que deu mais rendimento.
Diz-se até que é esse o motivo porque a gentil «divette» se zangou com a colega, embarcando cada uma em seu navio.

A ACTRIZ M. S., ingenua que foi da companhia L. S.-E. B., tomou da assinatura uma cadeira de ferro, no P. M.
Eis um lugar, á falta de outro melhor, que não causa invejas ás colegas...

AFIRMA-SE que o actor brasileiro L. F. aproveitará a sua estada em Lisboa para organizar uma companhia destinada a exhibir-se em terras de Santa Cruz. A primeira figura feminina desse elenco deve ser—E. L.
Quando ella partir, se cair, é caso para dizer, com um suspiro de alivio e de tristeza:
—Ingrata patria, não possuirás meus ossos!

A ACTRIZ D. S., que era considerada pelos jornais do Rio de Janeiro como a figura brilhante da primeira companhia de revistas dos empresarios A. M.-O. R., ficou naquella cidade como *estrela* do Teatro Recreio.
Dizem-nos que se trata duma compensação...

OUTRA anedota, mas esta passada num teatro alemão:
Representava-se *Ricardo III*, peça de Shakespeare. Numa das passagens do dialogo, Dawson, que nessa noite fazia o principal papel, ao dizer



—Olha lá; quando vier a Lisboa a Companhia de pretos. não me fujas... Sabes que eu preciso de quem me tome conta do meu novo brinquedo, quando vou ao meu gentil doutor...

a frase celebre: «—Um cavallo! Todo o meu reino por um cavallo!»—ouviu um espectador dizer alto:
—E um burro não serve?
—Serve, sim senhor! respondeu Dawson. Faz favor de vir cá á scena...

AFINAL de contas, quem manda?...
—E' o Nascimento ou o Sebastião A., representado pelo Manoel B., secretario do Gimnasio Club Dramatico?...

AINDA se não sabe quem vai para o T. N. Ao principio, quando se falou em concurso, ninguém appareceu. Agora—são quasi todos.
Afimal, o concurso não é tão mau como parece...

CONFIADAMENTE aguardamos que o *Saricôtê* seja uma estreia do memoravel successo. Agora que é costume suprir com *parcels* montagens

de maravilha as qualidades dos artistas—apelamos para estes para que saibam triunfar com espirito da materia ingrata, que ajuda mas não salva.

AO J. C., empresario benevolto do E. T., vai ser oferecida uma ceia.

Que os fumos da victoria não embriaguem o vencedor, são os losses melhores desejos. Uma indigestão do morango não é perigosa, mas pode ser desastrosa—se o anfitrião não souber poupar a fruta aos labios gulosos que a cobiçam.

INFORMAÇÕES seguras permitem-nos dizer que o actor J. A., artista de relevo na companhia L. S.-E. B., deixou de fumar e está gordissimo. Não lamentamos a gordura nem o desfalque na «Região». Perguntamos apenas:
—E' uma nova encarnação do Chaby ou um reclamo succulento, na tem-

porada de inverno, nos metodos culmarios da Figueira da Foz?

NUMA peça que ha pouco tempo foi á scena num dos principais theatros de Lisboa, um dos personagens dizia, abrindo a carteira nostalgica de dinheiro:
—Para o quarto já tenho! O que falta é pagar a hospitalidade.

Resolveu-se este incidente linguisticamente hospitalizando-se a peça sem demora.



A *Ena*, que é mulher sempre moderna, por mais que hoje mutule, não consigo saber como da tola até á perna pode encarnar-se no Rapaz Antigo...

O seu olhar bréjico, tão sagaz enbrulha o mais pintado, sem cantiga...
—Vão vêr o rapadinho que ella faz, á *Ena*, a endiabrada rapariga...

ANTONIO Macedo-Oscar Ribeiro... Nas iniciais... que A.M.O.R. do empresarios...

O T. G. ficou outra vez sem companhia. C. O. partiu com alguns amargos de boca, apesar do bombom não ser dos piores.

O que fazer agora?
Entregar ao Gil as chaves do castelo e fazer da P. B. a castella encantada?

Galarim

RUY CHIANCEA

Quando o *Chianca*, duma certa vez, Foi p'ra Brasil de lyra sobraçada, Diziam varios:—«Não se perde nada, Porque o Ruy vai escrever em português!»

Mul nos ia se a Musa expatriada E colhesse, p'ra morar, solo francês, Ou se fosse á Argentina de longada, E escrevesse em espanhol ou gaulês!...»

P' de louvar tanta patriotismo; Mas, com pena do Ruy, medito e acismo Nesta coisa difficil de dizer:

Enriquecer a nossa litteratura, E' ainda a maneira mais segura De, a si proprio, qualquer se empobrecer!...

João Fernandes.



Homem das 5 horas

O PRATO DE SONHOS

22.º sonho

o de Alvaro de Andrade

*Um dia, quando foi para a Figueira
o nosso colega Alvaro de Andrade,
depois de comer bem como um abade,
opos a digestão, deu-lhe a soneira...*

*Sonhou que era um actor e que a geiteira
o basejava e, sem dificuldade,
chegara lesto á immortalidade!!!
(O que se lhe meteu na mioleira!...)*

*O Diário de Lisboa foi á fava,
Do Fixe, o Retroz Preto foi no fol,
e da Imprensa nem se recordava...*

*Tudo esqueceu e só pensou no rol
das criações que a Thalma dedicava
o esbelto Pepe da Manhã de Sol!...*

23.º sonho

o de Mario Duarte

(teatrologo e vereador da Camara de Sintra)

*Sabe de cicos, preças e queizais,
de varias preças é bom tradutor,
de vez em quando, torna a ser actor
e tambem escreve coisas p'ros jornais.*

*L'Italia e França e d'outras terras mais,
das letras, dos direitos, defensor,
E' em Sintra dedicado vereador
d'assuntos varios municipais.*

*Tudo assimila p'r'uma forma bela;
em linguas varias é especialista;
do Mal não tem a minima parca.*

*E, por sentir em si alma d'artista,
sonhou que no Teatro era um Grandela
quando é, por fim, um ezimio dentista.*

24.º sonho

o de José Loureiro

*Que sonho que ele teve, estragante!...
Pois não contente com os que já tem,
sonhou que tinha um teatro flutuante
p'andar sempre do Rio p'ra Belem!...*

*O barco andaria num vai-ven
co'a troupe aquatica ambulante
um tal successo foi mirabolante
pois nunca disto se lembrou ninguem!*

*... ..
Chegara mesmo a ter certa chalça,
se isto não fosse um sonho enganador,
vê um negocio destes a dar massa...*

*Quem sabe se p'r'a arte era um favor
um grupo bem escolhido, na barcaça,
a ir, de porto em porto, até Timor!?*

25.º sonho

o de Armando de Vasconcelos

*Depois de dar um rapido tregeito
á bóca, em contracção, mais ao nariz,
o Armandinho lá do São Luis
adormeceu deveras satisfeito.*

*Sonhou com peças de variado efeito;
que a temporada foi muito feliz
e que ganhara tudo quanto quiz,
mais que galhardamente, p'lo direito...*

*Assim, o nosso Armando Vasconcelos,
num sonho lindo que foi passageiro,
viu muitos contos em escudos belos!...*

*E, na impressão de contar o dinheiro,
acorda e... viu-se preso a novos ilos,
sob a aurea ramada dum lourcero...*

O' Mãe Cristo Note.



BRIC-À-BRAC

A MODA

Pego na velha pena e logo me pergunto
Que demonio d'assunto é que eu irei tratar;
Qu'inda que nunca via tanto assunto junto,
Não posso de antemão saber qual o assunto
Que os meus queridos censores me deixarão passar.

O suplicio cruel do Tantaló moderno,
Uma das maiores dôres que nos tem sido impostas
E o Dante não previu no seu tremendo «Inferno»,
E' topar nos museus com um letreiro eterno
Que proibe tocar nas coisas que estão expostas.

Se ha muito general que anda a pedir reforma,
Que tem que vêr com isso um misero galucho?
Cala-se, obedecendo a uma velha norma;
Impõe-lhe a disciplina o silencio na fórma,
E o tarata servil recolhe a fala ao bucho.

Como a Censura seja a estérica doente
Que co'o ar se melindra, ofende ou incomoda,
Busco um têma banal que interesse a toda a gente,
— Ainda que não é talvez muito decente,
Estando ela como está, vir-lhes falar da Moda.—

Se eu adoro a mulher que expõe sua beleza,
E me atravessa nua, ás tardes, p'lo Chiado,
Não posso perdoar-lhe essa brutal franqueza
Que me tira o perverso encanto da surpresa
Que dá desembrulhar a um fulvo rebuçado.

Como tão pouco saiba a força das razões
Que as leva a copiar a moda masculina,
Nem que capricho as faz montar só de calções,
E o «smoking» preto usar pelos salões,
Quiz ouvir sôbre tal a uma qualquer menina;

Diz-me:—«Se a mulher faz quanto o homem faz,
E num «sport» qualquer toda a mulher se eduque,
Se veste pijamas como o homem traz,
E usa o cabelo como o dum rapaz,
... E' um grande truc!

Tenho contra os homens queixas tão amargas;
Não me rendem culto nem fazem zumbaias;
E ha uns «papos-sêcos» que engordam d'ilhargas,
E usam umas calças, tão largas, tão largas,
Que parecem saias!...

Pálidos mancebos vão de braço dado,
Cochichando entre eles, e deixam-nos sós!
E as mulheres não teem nem um namorado;
Que esses estafermos passam-nos ao lado,
Sem olhar p'ra nós!

Mas vestindo d'homens como a gente faz,
Fumando os havanos como eles consomem,
Usando os cabelos como a gente os traz,
Talvez me confundam com qualquer rapaz,
E eu arranje um homem!

João Fernandes.

Cartas íntimas

Como sabes, tenho uma superabundancia amorosa, que já fez vítimas quatro maridos e alguns cadetes da Escola de Guerra. Cumpro todos os meses o meu piedoso dever indo visitar os defuntos á cova funda do Alto de S. João. Numa dessas visitas, encontrei um viuvo deveras simpatico, que me entregou uma perpetua, o seu coração e algumas cautelas do penhores.

Levei o embrulho para casa, e depois de ter consultado a Alzira, a minha inviolavel criada de quarto, resolvi mandar chamar o proprietario do embrulho. Ele manifestou-se, deliberadamente, por um arranjo immediato de ambos os sexos, incluindo a Alzira, nas minhas faltas mensais. Ponderei-lhe a gravidade da proposta, quanto á criada, de cujos favores eu já deveras abusara, descontando-lhe, *en nature*, varios namoros languidos e inofensivos. O cavalheiro, que dava pelo nome de Julião, accitou a minha contra-proposta e nesse mesmo dia apresentou ao *Lulu*, tão experimentado e inteligente, que pelo facto conhece todas as especialidades de homens: os peganhentos — margarinas rançosas, que desceram a tudo de preço; os liricos, com enxundias de poesia, mas pouco osso para roer; os violentos, esses que ladram e não mordem no sitio indicado.

O *Lulu* ficou hesitante. O seu exame medico-legal não o satisfez. O Julião não pertencia a nenhum dos generos de homens que ele tinha estudado no meu jardim zoologico domestico. A' noite abri uma garrafa de «champagne». Julio entorrou-se em lagrimas de saudade pela esposa. Confesso que não gostei daquele excesso de agua, pouco aproveitavel para qualquer lavagem de vulto. Levei-o comigo, pelo corredor fora. Passámos o W. C., para o qual chamei a sua atenção. Depois a minha cama rosa, um rosa lagosta, nada indigesta, porque, como tu sabes, só gosto de com'da á portuguesa.

O Julião fez referencias amaveis ao mobiliario. Achei-o um pouco excessivo em pormenores. A' meia noite ainda ele falava. Mostrei-lhe uns albums japoneses, onde o mi sagrado floresce; indiquei-lhe aquelo *Iha dos Amores*, em litografia, presente do falecido conselheiro.

O Julião, porém, não entrava na forma. Marcara passo. A' beira do sofá, com os joelhos atulhados de revistas, *Parisienne* e *Sourire*, vagabundeava a conversa, em fantasias literarias e jornalisticas de pessimo gosto.

Ahi pelas duas horas disse-me:

—Conheces o resultado do *Salve-mos as raparigas*?

Confessei-lhe a minha ignorancia. Ele, então, inflamado, pediu a confissão do meu passado. Não poupei nada—menores, adultos o velhos conhecidos.

Por fim, bruxoleando desculpas, at'ngindo a plenitude da paixão, ciciou baixinho:

—Aqui me tens! Conquista-me! Perdes-me quando eu te salvo.

Pela madrugada, depois de varias *salvas*, fui dar á costa do traveseiro, definitivamente sossobrada e vencida. Vou pedir para o Julião a meta-lha de bom comportamento, heroismo e valor...

Tua,

Engracia.



No domingo passado, quatro grupos da Divisão de Honra jogaram em Palhavã a favor dos sinistrados do Faial.

Atendendo ao fim a que se destinava a receita dos dois *matches*, os *teams* jogaram o que se pode chamar um jogo de circunstancia—um *football* sísmico.

E o Belenenses, que no domingo passado havia derrotado o Carcavelinhos por 3-1, foi batido pelo mesmo Carcavelinhos por 3-0.

No campo de Palhavã vai ser afixado um *placard* com os dizeres seguintes:

—Aqui é que elas se fazem, e aqui é que elas se pagam!

Quando se criou a Travessia de Lisboa a nado, de Xabregas a Alagés—houve admiração geral perante os seus doze quilómetros de extensão. E os sucessivos vencedores ostentavam a medalha de ouro, como se da Ordem da Jarreteira se tratasse.

Mas o Alves Miguel atreveu-se a nadar trinta quilómetros dum só vez—Xabregas a Cascais—e começou logo a ouvir-se falar nas correntes. A tal ponto que, afinal, o problema parecia apenas consistir em lançar-se á agua num ponto mais afastado da foz, e ir na vasante...

O Antonio Soares deu até uma entrevista anunciando sessenta quilómetros, para o que partiria de Vila Franca, fazendo-se acompanhar, como os *traversours*—pode traduzir-se por: *travesseiros*—da Mancha, por um rebocador com um *jazz-band* a bordo.

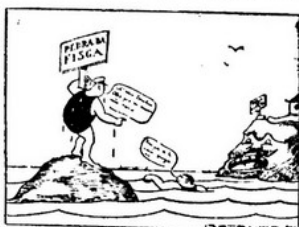
Entretanto, na semana passada, o Bazilio e o Bessone foram, de sociedade, desde Xabregas á Boca do Inferno, sem *jazz-banditismo* de qualquer especie.

Fala-se já, ainda que vagamente, numa travessia de cem quilómetros, que serão feitos ás arcevas por um nadador que partirá do Castelo de Almonrol.

Mas se tal succeder, o Antonio Soares propõe-se resolver definitivamente o assunto, batendo, de longe, todos os *records* mundiais de distancia.

Para isso, lançar-se-há á agua, mesmo na nascente do Tejo, na serra de Albaracin—introduzindo, até, um atractivo original e acrobatico, que será o da descida das quebras de Rodam, por um cabo, e pendurado pelos dentes.

Guardado está o bocado...



Um na "fisga" e outro na "pisca"...

Mais, retournons à la vache froide—como diria Vitor Hugo.

Bessone Basto, quando atingiu o penedo da Fisga, não só estava convencido de que ultrapassara o maximo de Miguel—mas ainda de que Bazilio não era homem para obras de grande tomo.

Foi:—um *equivoco*...

Consolesse com a ideia de que bateu no mesmo dia dois *records*:

—O *record* do Alves Miguel

—E o *record* de ser *recordman* durante o menos tempo possível:—três quartos de hora.

Na sexta-feira passada, Jack Dempsey perdeu o titulo de campeão do mundo de box, que ganhara ha seis anos derrotando Jess Willard, titular de então.

E' curioso que os dois homens habitam hoje a pequena distancia um do outro, em Los Angeles. E mais curioso ainda: ambos afirmam não se terem voltado a encontrar depois do *match*.

Na verdade, qualquer deles não professa pelo outro uma estima irrisorivel...

Ha meses, alguém perguntou a Dempsey:

—«Ha quanto tempo você não vê Willard?»

—«A ultima vez que o vi foi ao descer do *ring*, quando lhe applicavam uma esponja molhada na nuca, para que ele voltasse a si...»

Transmitiram esta resposta a Jess Willard, que replicou:

—«E' um acidente que succede aos melhores. Um dia virá em que Jack,

por sua vez, ha de receber a esponja molhada na nuca...»

A profecia realizou-se na sexta-feira passada...

O ultimo numero do nosso presado colega *O Sport de Lisboa* trazia uma cronica do jogo Vitoria-Bemfica—bem feita, como o são todas as coisas do nosso colega presadissimo.

Apenas—na apreciação dos jogadores, um trecho nos pareceu um pouco estranho:

«Vitor Gonçalves, frente a frente para o seu adversario, bom; voltado para o seu campo, mau.»

Isto é, tecnicamente: um disparate.

E como os redactores do nosso brilhante colega são pessoas incapazes de escrever disparates—conclue-se que se não trata dumha apreciação tecnica mas dumha apreciação estetica; ou seja, em menos palavras:

«Vitor Gonçalves, de frente, bom; de costas, mau.»

Para quem gosta...

A inserção do húngaro Torok como nadador do Sporting, produziu, como toda a gente de desporto sabe, uma tempestade de tal ordem que até varios clubes partiram as amarras que os ligavam ao cais da Liga...

Houve enorme dificuldade em avoiguar da exacta duração da permanencia de Torok em Portugal, porque, ao que parece, ele nem passaporte possuia. E isto, que á primeira vista pode parecer estranho, já nos foi explicado pelo facto de Torok ter

entrado em Portugal com a Montanha Russa que esteve trabalhando no Parque Eduardo VII.

Por sua vez, a vinda de Torok com a Montanha Russa explica completamente que ele tenha dado origem a complicações tão acidentadas...

Joaquim Ferreira, o discutidissimo *internacional* de *foot-ball*, anda em foco, ha perto de mcs.

O Sporting recusou-lho um lugar no seu *onze*, e, segundo os regulamentos da Associação, o jogador teria que estar um ano sem jogar para poder ingressar noutro clube.

Era assim uma especie de *leão cativo*...

Mas, na ultima assembleia da A. F. L., acrescentou-se um paragrafo á lei, e o *leão* ficou com liberdade para cortar a juba e para mudar do pele...

E—fenomeno maravilhoso!—o Ferreira, que até aqui, segundo opinião quasi geral, era: o *Indisciplinado*, o *Bincalhão*, o *Incorrecto*, etc., etc., etc.—sofreu, segundo a mesma quasi geral opinião, uma completa metamorfose!

O Caudido de Oliveira afirmou até publicamente, e nas salas da Associação, que Joaquim Ferreira tem sido um jogador de procedimento exemplar. E provou que não consta de qualquer dos seus cadastros *foot-bolísticos* nem sequer uma repreensão registada!

As reputações desfazem-se o fazem-se—como as bolas de neve.

E tanto assim é, que, a dar credito ao que corre, parte proximoamente para Roma uma embaixada, de que será chefe inevitavel o comandante Avila de Melo—e que vai supplicar do Papa nada menos do que: a canonização do Joaquim Ferreira.

Razões para o pedido—sobejam. Se o profeta Daniel entrou na caverna dos leões—Joaquim Ferreira conseguiu o mais difficil, que era sair sem ser devorado.

A canonização é certa. Ao lado de Santa Genoveva, Ferreira vai dignamente enfileirar como *advogado* e protector dos vãos á Leotard e sem rede.

O *Eco dos Sports* está já preparando a edição dumha vistosa tricoma em que o afamado *internacional* apparece de tunica e bordão—e com um lindissimo par de azas.

Por baixo, em letras douradas: «São Joaquim Ferreira, heroi e martir do amadorismo.»

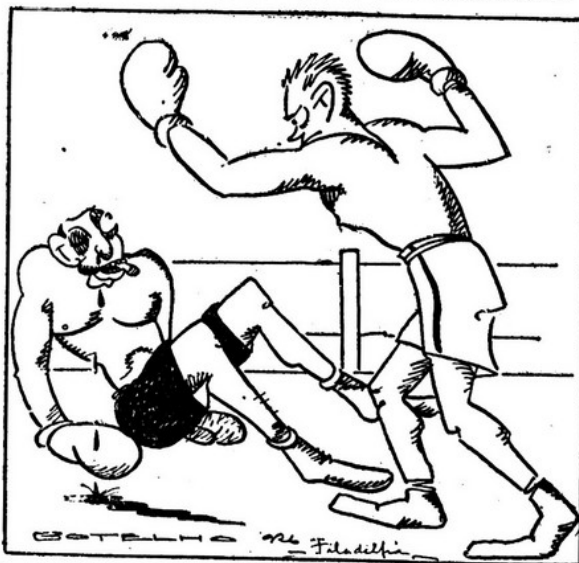
Rebola-A-Bola.

Na parada de Cascais...



Como se manda uma bola á... Verda

AS GRANDES REPORTAGENS



Como ficou o idolo.

N. da B.—Este sensacional desenho foi recebido na estação radio-grafica do "Sempre Fixe" ás 3,15 da madrugada, (10,15 em Filadelfia), isto é, um minuto depois da queda do idolo que ha seis anos era detentor do campeonato do mundo.

CANÇÃO NACIONAL

AS NOSSAS ENTREVISTAS

Os fados dos bairros O poeta Chiado

O de Xabregas

Xabregas; quem o cantar cante-o de certa maneira, que é um bairro popular por ser o da Cigarreira.

Ele é quem nos vem valer quando nos fere a desgraça, pois nala ha para esquecer como dar uma funaça...

Tem a sua tradição e de fogo a sua crôa; Xabregas é um vulcão que arde em toda a Lisboa!

Os seus milhões de habitantes pelas cidades e campos são, p'los cigarros brejeiros, luminosos pirilampus...

Não os vapors da cratera, de Xabregas como um rio que, numa doce quimica, nos leva até ao céu...

Tem ao fumo tal poder, Xabregas tem tais desejos que os labios nos faz mover numa attitude de beijos...

Estríbilho

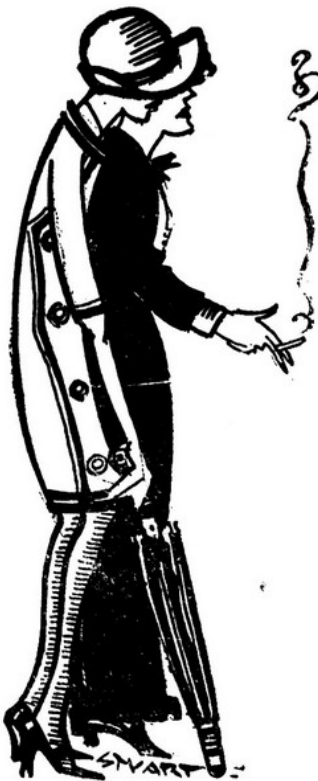
E por isto é que Xabregas é um bairro que aos colegas sem tener lhes leva a palma

São tão grandes as primicias que nos faz sonhar delicias e faz parte da nossa alma.

Reporter B.

(Sem reclamo á Companhia dos Tabacos).

SINGULARIDADES



- Tens coca?
- Não, filho, á coca dela ando eu!

Armado com o «Manual do Perfeito Entrevistador», emprestado, ainda em provas, pelo sr. Portela, o representante do *Sempre fixe* avançou como um «cabalero audaz» até á estatura do poeta Chiado, disposto a entrevistá-lo.

-V. Ex.ª desculpe se o venho entrevistar.
-Estou sempre fixe.

Sorrimos á amabilidade do satirico poeta e puzemo-nos em guarda. Como ele agora é de bronze, não fosse cair lá do alto alguma graça... pesada.

-V. Ex.ª passa bem na sua situação de celebridade... metálica?...

-Olhe! Estou fundido. Isto diz tudo.

-Então não se sente bem?
-Toda a gente se atreve a fazer pouco de mim...

-Deveras?

-Naturalmente. Apanham-me do cócoras.

-Então que lhe fizeram?

-Por exemplo: Em vez de estar descansadinho a dormir nos dicionarios e enciclopedias, fizeram-me governador da ilha dos galegos. Desteraram-me. E então escolheram um lugar... Ao pé de um farol...

-Farol?...

-Pois não vê, aqui atrás de mim, uma luz a apagar-se e a acender-se?

-Isso é o depósito de gasolina para os automoveis.

-Auto... quê? Não percebo. Eu de autos só conheço as antigas produções em verso...

-Agora ha disso em rodas.. Não tem visto uns carros a andarem sem cavalos?... São os auto...moveis...

-Tambem são um bom motivo de irritação. Pzceram-me aqui de mão estendida, e os tais autos de trazer pela rna... estacam como se eu quizesse andar naquilo. E aqui defronte, o Baptista do Havaneza?

-Que fez?

-Tem lá um papelsinho dizendo que não serve «Virginia» nem «francês». A Virginia ainda eu posso dispensar... Bem vê... sou de bronze...

-Se fosse de pau era pior.

-Disse muito bem. Mesmo de bronze, não imagina os meus tormentos por causa das mulheres.

-Então porquê?

-Fazem de proposito. Quando passam por aqui, arregaçam as saias de uma maneira...

-Palavra? Mas até onde?

-Ora até onde... Até ao joelho e mais...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

-Ora deixe-me rir. Mas isso é assim em toda a parte. E' moda...

entrevistado pelo «SEMPRE FIXE»

-Que pena não ser assim no meu tempo...

-O que é que fazia?

-Deixava de ser o Chiado...

-Então porquê?

-Porque elas é que... chiavam. Assim não me ligam nenhuma. Sou um homem de metal. O pior é que o metal, com o calor, derrete-se.

-E V. Ex.ª, algum dia... funde-se.

-Fundido é eu estou...

Nesta altura ha uma pausa. Não é para o poeta Chiado nos oferecer *but-dois*. Um casal de borrachos veio encostar-se ao poeta. Quando eles retiram, o nosso entrevistado estava mais verde, e diz-nos:

-O meu colega Camões não atura disto. E' um felizardio. Tem na cabeça uma coroa de louros. Não está má a piada. Num lado está o louro e noutro é que se encostam os bebados. Não viu agora?

-Mas proteste.

-E' bem bom de dizer. Olhe o Camões é que p'le levar tudo á ponta da espada. Além disso está cercado por uma purria e tem quiosques para todas as necessidades...

-Preguntámos ao poeta Chiado se concordava com a salvação das raparigas...

-Não acredito que isso se faça. Nem as mulheres de pedra são poupadas. Veja lá os dedos da mão da mulher que o Eça de Queiroz está a tapar com a fantasia. Salvemos antes os rapazes. Agora por isso. Sabe-me dizer que é feito de uns rapazes com calças de balão que iam muito á Brasileira? Isso tem alguma relação com os quadros e a questão dos paineleiros?

Explicámos ao poeta Chiado que paineleiros era uma coisa e os rapazes de calças largas que deixaram de aparecer na Brasileira era outra.

-Então, e esses mocinhos?

-Perderam-se.

O poeta fez de bronze o seu silencio. Por fim pede-nos para agradecer ao sr. Guisado a maneira como foi respeitada a verdade historica, relativa á posição em que o poeta se encontra.

-Sou eu o unico poeta, de todos os meus companheiros em bronze e pedra, que melhor simboliza a poesia Portuguesa...

-Atire lá essa frase de arromba.

-E' que eu, com a mão estendida, simbolizo bem a vida de todos os poetas que tiveram que estender a mão á caridade...

V. Claro.

Chá das cinco e um quarto independente

A janela daquello quarto!... Aquelles lindos e fartos cabelos que eu via, em *silhouette*, écranados no *stare* da tua janela!...

Sim, porque eu te espreitava desta minha mansarda a horas mortas!...

-Esses cabelos compridos, manto divino que te vestia por completo quando te despias e que nunca me deixaram vêr, na sombra, o contorno das tuas formas projectadas pelo teu candieiro de petroleo da *Colonial*!

-Quantas saudades desse passado cosovilleiro!

E hoje que voltei, passados anos, ao mesmo lar, diviso um outro vulto igualmente de cabelos compridos, mas que são os da barba de um homem que todas as noites brinca ás sombras japonesas com um rapazito elegante, no qual se distingue um caprichoso penteado de risca ao lado!...

Assim pensava eu, a bisbilhotar as sombras da janela dos meus encantos, quando uma velhota, antiga criada da casa, me bateu no ombro e me disse:

-Seu grande maroto! Com que então, a espreitar a vizinha?...

-A vizinha?

-Sim, aquela vizinha doutros tempos... e que, hoje, parece um rapazinho, com de cabelos cortados e de calças... do pijama...

-E o homem das barbas?...

-E' seu marido—diz-me a velhota.

-E, então, aquele rapaz...?

-E' ela... a mulher dele...

E assim se foram, mais uma vez, as ilusões duns lindos cabelos de mulher e da sombra dos meus encantos... Oh! decepção!... Oh!...

Felisherto Lopes.



—!!!

-Não tenhas receio! Cá estou eu para demonstrar a tua innocencia se te quiserem salvar...

Desgostos sombrios



-Desde que lhe morreu a noiva, deitou luto pesado. Até vai casar com uma preta...



-Meu marido e meus filhos morreram soterrados nos escombros.

-Conte-nos la isso. Deve ter sido muito interessante!

Taxímetros e Taxadômetros



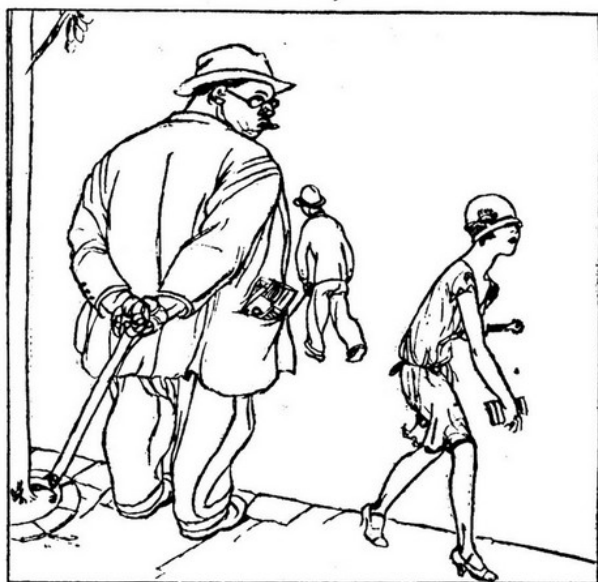
-Estes Taxis são os maiores inimigos dos taxados... Será por causa da gazolina?

Exigencias



-Nesta época de aeroplanos, submarinos e dirigiveis, queriam estes senhores que usassemos salas de balão... cativo!

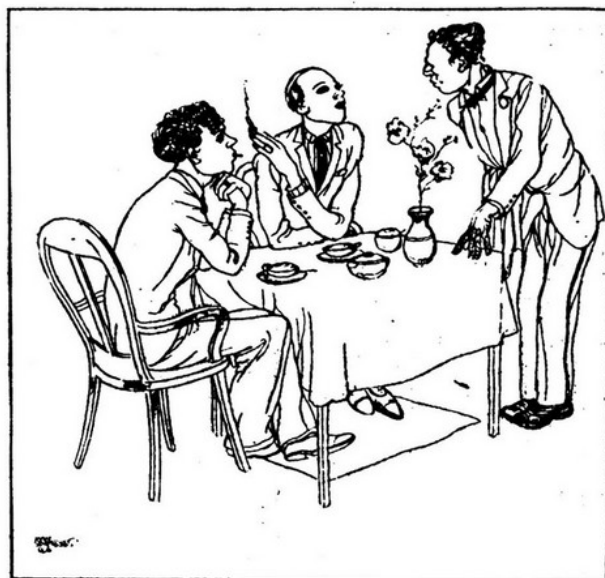
Estatísticas



Pela policia foram encontrados o ano passado na via publica 282 fetos.
(Dos jornais)

- Escapou este!

Papos Secos



- Vossencia quer chá verde ou chá preto?
- Eu? Preferia um chá... sseur.

A INSTRUÇÃO NA ALDEIA



O sr. Manuel, regedor, não sabia ler, mas comprava todos os dias o "Diário de Notícias" para não perder o prestígio.

Aos domingos ia para o adro da igreja tingir que lia e acontecia pegar no jornal de baixo para cima.

Um dia, o "Diário de Notícias" publicava um anúncio duma marca de automoveis.
- Que dizem os jornais? perguntou um amigo.
- Um grande desastre, voltou-se um automovel.